

PONTO DE ÔNIBUS

Patsy Clairmont

Jason, nosso filho mais novo, tem dois objetivos na vida. Um é divertir-se, e o outro é descansar. Ele consegue fazer essas duas coisas muito bem. Portanto, eu não deveria ter-me surpreendido com o que aconteceu quando o despachei para a escola num dia de outono.

Assim que Jason saiu para pegar o ônibus, comecei, imediatamente, a me preparar para um dia agitado. A batida na porta foi uma surpresa e interrompeu o meu ritmo da manhã, coisa que nunca consigo manter. Corri até a porta, abri-a com força e me deparei com Jason.

- O que você está fazendo aqui? - interpelei-o.

- Abandonei a escola - ele me comunicou ostensivamente.

- Abandonou a escola? - repeti, sem acreditar, e falando a um decibel acima da capacidade dos ouvidos humanos.

Engolindo a raiva, tentei lembrar-me de algumas regras da psicologia materna. Mas tudo o que vinha à minha mente era "Quem não trabalha não come", "Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje", ou coisas do gênero. Mas isso parecia não se aplicar ao dilema de um menino de seis anos. Portanto, questionei:

- Por que você abandonou a escola?

Sem hesitar, ele proclamou:

- Ela é longa demais, difícil demais, chata demais!

- Jason - eu retorqui imediatamente -, você acabou de descrever o que é a vida. Vá para o ponto do ônibus!